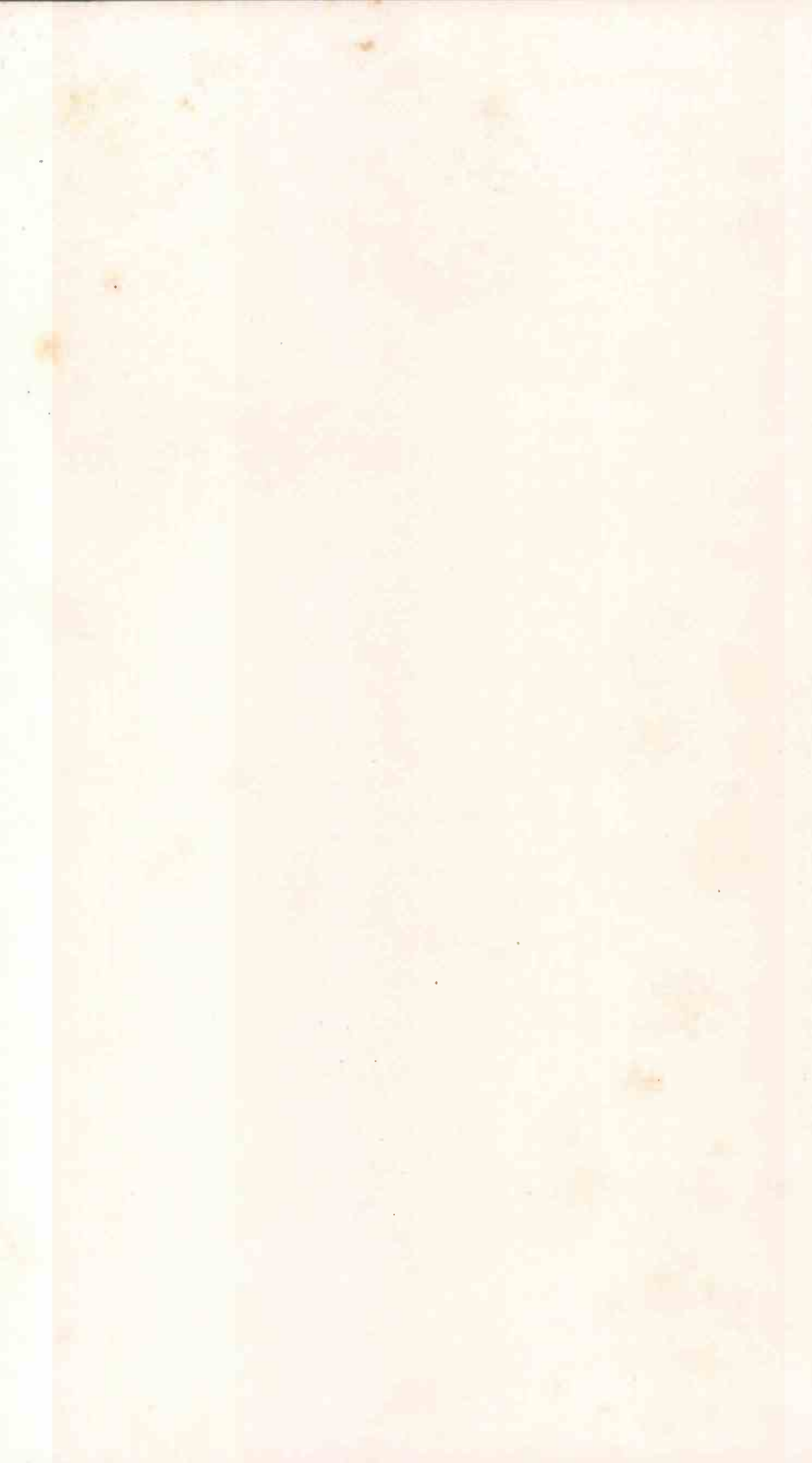


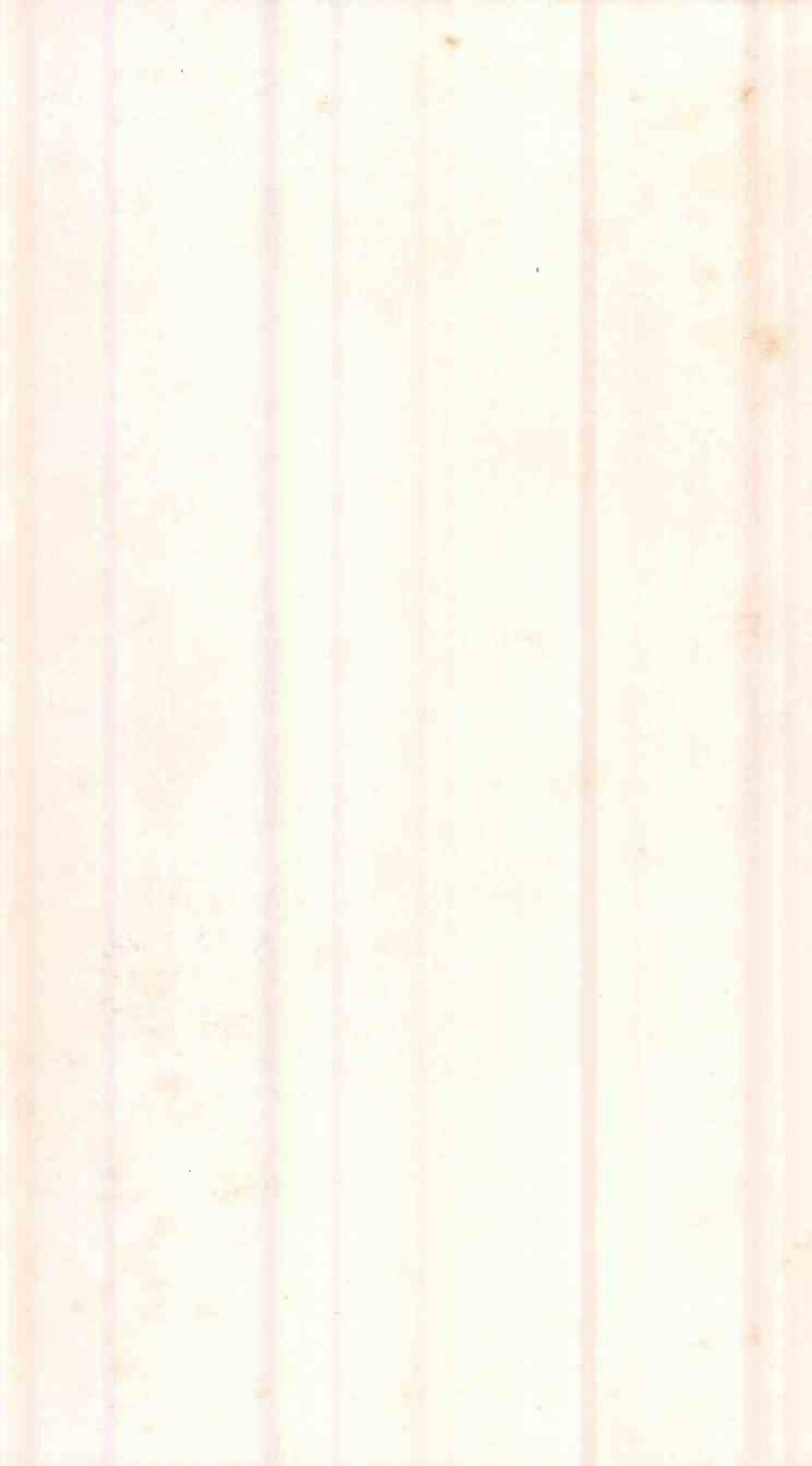
**Nilto Maciel**

**PRIMEIRAS  
LEITURAS**

**Editora Códice**







Copyright by Nilto Maciel

Printed in Brasil

Impresso no Brasil, 2001

Maciel, Nilto

Primeiras Leituras – Nilto Maciel

Editora Códice, Brasília, 2001

54 p.

1. Literatura Brasileira – Crônicas; I. Título

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal Brasileiro.



## Índice

Primeiras Leituras .....	1
Prosa de Ficção: Algumas Noções .....	6
Mestre Moreira Campos .....	13
Um Doutor em Poesia .....	17
Um Pouco de Braga Montenegro .....	22
Achados de um Menino Perdido .....	26
Uma Crônica de João Brígido .....	30
A Revista “O Saco” .....	32
O Grupo Siriará .....	34
A Crise da Literatura .....	39
Prêmios e Agruras .....	41
Fossas .....	46
A Fúria da Paixão .....	49
A Melhor Notícia .....	52





## PRIMEIRAS LEITURAS

Em 1962 li, pela primeira vez, um romance, um grande romance: *Quo Vadis?*, de Henrk Sienkiewitz. Contava 17 anos de idade e acabava de chegar a Fortaleza, vindo da pequena Baturité. Antes deste, havia lido apenas três livros: *Três Figuras: o Frade Poeta, o Padre Voador e o Frade Preceptor, A Mulher do Caixeiro Viajante e Pussanga*. O primeiro o li durante um retiro no colégio dos salesianos, onde estudava, em setembro de 1961. Convidado a conhecer a biblioteca do colégio e a retirar um livro para leitura, depois de alguns minutos de pesquisa, interessei-me pelas três figuras. Talvez por se tratar de um dos poucos livros mais ou menos profanos da pequena biblioteca.

Entusiasmado, busquei novas leituras. Desde cedo eu gostava de ler as antologias escolares, não somente aquelas da série em curso. Lia também as de meu irmão Ailton. Além do mais, havia em casa alguns livros, do irmão mais velho, Amadeu, que saiu de casa por volta de 1957, deixando a biblioteca. Encontrei o livro de contos de Peregrino Júnior. Dias depois, mais curioso, folheei um romance obscuro, de autor desconhecido, certo Alcides Vaz.

Antes desses quatro livros, conhecia apenas um pouco dos clássicos, nas antologias escolares: poemas, contos, trechos de romances e relatos

históricos. Portugueses quase todos; alguns brasileiros. Nada dos modernistas ainda.

Já preparado para leituras mais agudas, logo me aproximei de *A Besta Humana*, de Zola. Durante e logo após a leitura dele eu senti profunda repugnância pela nossa espécie. Então éramos aquilo? O céu me parecia sempre escuro e baixo, como se fosse chover muito, desabar tempestades duradouras. As ruas tristes, as casas esconderiam assassinos, as pessoas tramavam, em silêncio, bestialidades inomináveis. Vivíamos o ano de 1963. Senti arrepios, sim, porém já com olhos de leitor-crítico.

Seguiram-se *Os Sertões*, *Agulha em Palheiro* e *Amor de Perdição*. O livro de Euclides me pareceu obscuro, sobretudo a primeira parte. Mesmo assim, não tive, em nenhum momento, vontade de abandonar a leitura dele.

Lida a pequena biblioteca doméstica, sem dinheiro para comprar livros nas livrarias, restavam-me as ruas Guilherme Rocha e Liberato Barroso, onde se vendiam, nas calçadas, a preço de banana, livros usados, roídos de traças, sujos, páginas amarelecidas, rasgadas, anotadas. Alguns nem capas tinham mais. Havia livros de todos os gêneros, dos mais variados autores. Nenhum deles, porém, eu conhecia. Nada daqueles nomes das antologias escolares. Nada de Camões, Macha

do de Assis, Herculano, Alencar, Bilac e outros citados e analisados em sala de aula. Então quem seriam aqueles dos livros das calçadas? Seriam bons escritores? Valeria a pena ler aqueles livros tão antigos? Os nomes não me eram familiares, todos ingleses, franceses, alemães. Folheava um volume, lia um trecho, apanhava outro, espirrava, tanto era o pó acumulado em suas páginas ao longo dos anos. Depois de algum tempo perguntava o preço de um volume grosso, capa vermelha, título curioso. E ia comprando e lendo romances góticos, novelas de cavalaria, contos fantásticos, misteriosos.

Nunca mais parei de ler, eu sei. Nada, porém, me faz lembrar os livros lidos naqueles anos.

Entre outubro de 65 e setembro de 67, li cerca de trinta livros, numa média de mais de um por mês. O primeiro deles foi *O Amanuense Belmiro*. À falta de outros, reli *Quem Perde Ganha*, de Graham Greene; *A Tragédia de Zilda*, de Menotti del Picchia; *A Volta ao Mundo em 80 Dias*; *A Brasileira de Prazins*; e *Sete Palmos de Terra*. Seguiram-se *O Moço Loiro*, *Iracema* e *Ubirajara*, em janeiro de 66. De José de Alencar li ainda, nessa primeira fase, (não recordo o ano) *O Gaúcho* e *Senhora*. Cinco ou seis anos depois, reli o primeiro destes. Passaram-se mais dez anos para reler os dois primeiros e pela primeira vez conhecer *O Guarani* e *O Sertanejo*.

Em junho de 66 li *Eurico, o Presbítero*, de Herculano, e *O Vinagre e a Sede*, de Sinval Sá, meu professor de português. Seguiram-se *Clara doa Anjos*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Memorial de Aires*, *As Relações Perigosas* (de Laclos), *A Mortalha de Alzira*, (de Aluizio Azevedo), *Poemas de Verlaine*, *Quincas Borba*, os *Pensamentos de Pascal*, umas novelas do Marquês de Sade, *Os Vegetarianos do Amor* (de Pitigrilli), uns “Contos escolhidos de Machado de Assis”, *Ascânio* (de Alexandre Dumas) e *Jóias do Conto Ídiche*, que muito me impressionou. Lembro-me também de dois romances, em edições antigas, que mantive comigo durante muito tempo. Não sei quando os li. São *A Última Encarnação de Vautrin*, de Balzac, e *A Fossa*, de Alexandre Kuprin.

A partir de maio de 67 a biblioteca do Colégio Municipal de Fortaleza, onde estudei, me proporcionou também boas leituras. Lembro bem de grossos volumes intitulados “Maravilhas do Conto”: norte-americano, moderno brasileiro, italiano, fantástico e russo. Fascinou-me nesses contos a oportunidade de conhecer o melhor da literatura universal. Ora, em pouco tempo conheci Guimarães Rosa, D’Annunzio, Trilussa, Pitigrilli, Moravia, os russos, pilares da ficção curta.

Muitos e muitos livros lidos naqueles anos caíram no esquecimento. Não sei precisar quantos. Recordo, no entanto, de ter vendido (não lembro quando) mais de quinhentos volumes, todos lidos, a um desconhecido, um comprador de livros velhos, talvez um daqueles vendedores da Rua Guilherme Rocha. Poucos se salvaram desse ato mercantil: *Os Sertões*, *Agulha em Palheiro* e *Jóias do Conto Ídiche*.

## PROSA DE FICÇÃO: ALGUMAS NOÇÕES

Tenho encontrado leitores de meus livros que me fazem perguntas embaraçosas como esta: “O que devo fazer para aprender a escrever conto, novela, romance?” No mais das vezes, digo-lhes: “Comece lendo os clássicos.” Alguns me responderam: “Mas eu já li quase todos e, mesmo assim, ainda não sei como escrever um conto.” Ora, há dicionários, manuais, tratados que dão noções sobre espaço, ação, incidente, drama, conflito, unidade dramática, história, célula dramática, lugar, tempo, passado anterior ao episódio, tom, personagens, tipos, caricaturas, linguagem, concisão, concentração de efeitos, diálogo, diálogo interior, monólogo interior, discurso direto, narração, descrição, ponto de vista, foco narrativo, primeira pessoa, narrador onisciente, começo, fim. Também o conhecimento de tudo isto parece não ser suficiente para dar ao aprendiz de escritor o cadinho para a realização da obra de arte. E, por falar em cadinho, captei a seguinte lição de Adolfo Casais Monteiro, em *Os Pés Fincados na Terra*: “A arte não é invenção pura; o artista é como que um cadinho em que se realiza a mistura dos ingredientes que são o pó da experiência.”

Muitos desses escritores principiantes estudaram gramática, leram os principais livros – da Antigüidade aos dias de hoje –, se debruçaram sobre manuais, tratados, dicionários de literatura, e, cientes de já saberem tudo e estarem prontos para a criação literária, tentaram escrever contos, novelas, romances. O resultado, porém, tem sido desastroso. Faltou-lhes o quê? Persistência? Nem sempre. Humildade? Talvez. Imaginação? Quem sabe? Talento? Não sei.

Os manuais, os tratados, os dicionários não tratam de questões menores ou de noções rudimentares da arte de escrever literatura. Pois eu quero aqui dedicar algumas palavras a essas “outras noções” de como escrever “corretamente” prosa de ficção. Ou como não escrever “incorretamente” prosa de ficção.

Começamos pelo emprego exagerado de lugares-comuns e gírias. Os livros estão cheios de “nariz aquilino”, “lágrimas de crocodilo” e outros chavões. Se não é possível a metáfora, que se descreva o nariz do personagem com criatividade. Vejamos a gíria na frase: “O gatinho andava ao meu redor.” Ora, daqui a alguns anos quem poderá imaginar que o narrador se referia a um rapazinho e não a um felino? O escritor poderá passar como genial: o “gatinho” seria uma metáfora.

Há escritores que abusam da grafia distorcida de vocábulos, na certeza de estarem sendo fiéis à língua do povo, realistas, e de estarem preservando o idioma português. Ora, por que escrever “home” em vez de “homem”, “bêbo” em vez de “bêbado”, “eu tô com fome”? Neste caso, para ser fiel ao propósito de escrever como fala o zé-povinho, melhor seria: “eu tô cum fomi”. Guimarães Rosa fez malabarismos para não cair nessa esparrela. Escreveu sempre a fala do povo do sertão mineiro, porém com invejável inventividade, sabedoria, consciente do significado de cada sílaba, de cada vocábulo, de casa frase.

O mau uso dos diálogos tem sido outro pecado de muitos escritores. É o caso de personagens do tipo Zé-prequeté falando como literatos, isto é, o oposto do uso excessivo de gíria ou transcrição da fala do João-ninguém. José de Alencar é criticado por ter posto nos lábios de seus índios o modo de falar dos portugueses. Porém o romantismo tinha lá suas leis, como a de que os diálogos nunca reproduzissem a fala dos “sem fala”. O sertanejo que falasse como o doutor da cidade, com acatamento e respeito às normas gramaticais.

Há também o vício da repetição exagerada de vocábulos, na mesma frase, no mesmo parágrafo, no mesmo capítulo, no mesmo conto. Os mais



comuns são: “que”, “mas”, “estava”, “era”. Vejamos este caso: “João dos Bois ia levantar mais tarde. Antes de levantar ...” Contemos os “que” neste trecho: “Mieko achava que devia voltar à lavoura novamente e conversa com o Noriel e pedir que ele não contasse a ninguém o que tinha acontecido.” Do mesmo livro é a frase: “Foi só depois que o Roberto tinha levado a Arume que a Mieko achou que podia escrever.”

Semelhante ao senão apontado é o uso forçado de figuras de linguagem, o emprego desnecessário dos artigos, o descuido na conjugação dos verbos, os cacófatos. Tudo isso é muito comum em narradores brasileiros do final século XX e depois. Para isto, dizia-se: “Fulano não tem estilo.”

Passemos aos personagens. Um dos erros mais comuns é o excesso de personagens em contos. A não ser que somente dois ou três deles participem diretamente da ação. A primeira causa disso será o surgimento de personagens desnecessários, sem lugar na ação, supérfluos. Depois, a confusão no enredo. O tamanho da narrativa não comporta muitos personagens. E não será a evolução do gênero que irá mudar isso.

E para quê personagens sem nome? Cabível em contos com muitos personagens. Somente os principais, dois ou três, terão nomes.

Outro equívoco de alguns narradores: o aparecimento súbito de um personagem secundário, irrelevante, e o seu repentino desaparecimento. Melhor excluí-lo da história.

Vejam os a descrição dos personagens. O narrador não precisa descrever o caráter dos personagens. Se fulano é mau ou bom, não cabe ao narrador qualificá-lo e sim ao leitor. Suas ações e suas palavras o pintarão aos olhos do leitor. Também é ocioso descrever o aspecto físico dos personagens, especialmente em conto. No romance realista e naturalista a descrição não podia faltar. Como não se deliciar o leitor com o corcunda de Notre-Dame? Porém a descrição não se fazia gratuitamente. Sem o aleijão do personagem o romance não existiria. A descrição de defeitos ou características não faz sentido, a menos que o aspecto físico do personagem seja imprescindível à história. Se fulano é cego, manco, perneto, se assim descrevendo o personagem quis o narrador simplesmente “enfeitar” a história, homenagear alguém, seja lá o que for – a descrição então será uma excrescência. Agora a questão do narrador. Durante muito tempo prevaleceu em prosa de ficção a onisciência do narrador, fosse personagem ou não. Porém tudo mudou a partir de James Joyce. O narrador onisciente desapareceu. Os pensamentos dos personagens não podem ser do conhecimento

do narrador. “Fulano tencionava matar sicrano.” “Ele se sentiu culpado de alguma coisa.” A interferência excessiva do autor-narrador é um mal maior para a narrativa. Assim como o excesso de observações e explicações. Não deve o narrador dar informações, sobretudo se inúteis à trama. Exemplo: “Na curva do caminho surgiu um cavaleiro: era o Vadico, um velho conhecido que batia muito na mulher.” Tal informação é até sem sentido no conto, vez que Vadico nem sequer volta à cena.

Mencionar nomes de cidades, logradouros, somente se absolutamente necessário ao enredo. Dizer que fulano mora na rua São Sebastião ou na avenida Dom João poderá ser necessário, sim. Se não o for, para quê o nome do logradouro? Nunca explicar o óbvio. Como assim: “Em Fortaleza, a bela capital do Ceará, vivia fulano.” Aliás, nunca explicar nada. “Isto aconteceu porque...” Melhor o mistério. Cada leitor fará uma dedução. Nunca opinar. “Aquela mulher era má.” Cabe ao leitor o julgamento dos personagens. O narrador não é juiz, não decreta nada. Sua função é tão-somente narrar.

Moreira Campos, um dos mestres do conto brasileiro ou um dos melhores discípulos dos grandes mestres, seguia à risca as lições de Tchecov. Em “Breves palavras”, apresentação do

livro *Dizem que os cães vêem coisas*, escreveu: “Sou fiel, quanto à síntese, ao conceito de Tchecov: “Se a espingarda não vai atirar no conto, convém tirá-la da sala.” Ainda desse mestre a advertência de que, “se você vai derrubar a casa, apodreça de logo a cumeeira.”

Em suma: para escrever boa prosa de ficção é preciso, além de conhecer todas as técnicas de narrar e muito talento, saber lapidar, transpor, alterar, substituir, riscar, cortar, remendar, costurar palavras, frases, parágrafos inteiros. E não ter medo do cesto de lixo, de ser cruel consigo mesmo. Não ter complacência com o vício, o erro, a mediocridade. Não ter piedade nem de si mesmo nem de personagens.

## MESTRE MOREIRA CAMPOS

Estive com Moreira Campos em duas ocasiões, apenas. Apesar disso, desde antes do primeiro encontro já sentia por ele grande amizade e, acredito, ele me dedicava o mesmo sentimento.

Não lembro quando o li pela primeira vez. Possivelmente por volta de 1964, quando passei a ler suplementos literários de jornais de Fortaleza. Nesse tempo pontificavam nas Letras cearenses os nomes de Artur Eduardo Benevides, Braga Montenegro, Eduardo Campos, Francisco Carvalho, Fran Martins, Jáder de Carvalho, João Clímaco Bezerra, Milton Dias e outros. O nosso Moreira Campos estreara em livro, com o elogiadíssimo *Vidas Marginais*, em 1949. Contava 35 anos de idade. Não tinha nenhuma pressa em se mostrar ao público e à crítica. Escrevia e reescrevia, como outro ilustre contista, o mineiro Murilo Rubião. E ao final de sua longa vida havia publicado apenas 137 contos.

Até 1964, Moreira Campos havia publicado apenas três livros, porém já figurava como um dos melhores contistas cearenses. Na apresentação de *Uma Antologia do Conto Cearense*, de 1965, Braga Montenegro dizia: “Os contistas de maior renome do atual momento da literatura do Ceará são Eduardo Campos e Moreira Campos.”

Somente em 1978 adquiri e li *Os Doze Parafusos e Contos Escolhidos*. Anos depois, quando já nos correspondíamos, ele me ofertou outra seleção de seus contos, intitulada *Dizem que os Cães Vêem Coisas*. E é de maneira carinhosa que afirma a sua amizade por mim: “Para Nilto Maciel, mestre do mesmo ofício, com a velha admiração e o abraço fraterno do Moreira Campos. Fortaleza, 6/XII/87.” Pode parecer cabotinismo de minha parte o transcrever essas palavras. Porém minha intenção é tão-somente falar dessa amizade dele por mim. Pois apenas uma grande amizade faria um mestre tratar assim um aprendiz.

Na verdade, ainda não nos conhecíamos pessoalmente, embora mantivéssemos correspondência há algum tempo. Em 1982 enviei-lhe carta e exemplar de um de meus livros. É de 12/12/82 a sua primeira carta, que assim começa: “Recebi *A Guerra da Donzela*, que li numa tarde, entusiasmado com a sua linguagem, e estrutura, suprealista. Já o conhecia de *Tempos de Mula Preta...*” Não transcrevo a carta toda, porque aqui não quero falar de mim, mas dele. Noutra missiva, de 11/2/83, ele anuncia uma viagem ao Rio, a São Paulo e a Brasília, “onde gostaria muito de encontrar-me com você.” E dias depois ele me visitou. Apresentou-se, embora já

conhecesse de fotografias o seu rosto. Falou-me da viagem e de livros. Foram apenas alguns minutos de conversa.

Voltamos às correspondências alguns anos depois. E não sei explicar o motivo desse silêncio tão prolongado. Em 6/3/87 acusou o recebimento do meu *Punhalzinho Cravado de Ódio*. Comentou-o, elogiou-o. E anunciou a próxima edição do seu *Dizem que os Cães Vêem Coisas*. É de 16/7/87 outra carta. Refere-se ao meu *Estaca Zero*.

Outro período de silêncio, e somente em 1992 voltou a me escrever. Desta vez para opinar sobre o tema “Ler ou não ler”, para a edição nº 3 da revista “Literatura”. E lá está seu desabafo: “Sou hoje um desiludido com a literatura, embora a minha crença no seu valor perene.” E não poderia ser outro o seu sentimento, pois, sendo um contista maravilhoso, nenhuma grande editora se interessava pela publicação de sua obra.

A segunda vez em que nos vimos foi no dia da morte de meu pai, em 10/1/88. E mais uma vez ficava demonstrada a sua amizade por mim. Não quero me queixar de outros amigos, por não terem comparecido ao velório e sepultamento de meu genitor. Quero tão-somente lembrar o gesto amável de Moreira Campos. E a sua preocupação em me consolar.

Outra grande virtude dele era a modéstia. Pois, apesar de citado e estudado em diversos livros; apesar de traduzido para o alemão, o inglês, o francês, o italiano e o hebraico; apesar de ser um dos melhores contistas brasileiros do século XX; apesar disso tudo, não buscava elogios e tratava os mais novos como seus companheiros de ofício. Não se julgava mestre e não chamava os mais novos de aprendizes. Como se estivesse ele mesmo em contínuo aprendizado, lendo as novidades, comentando livros novos, sem nunca deixar de lembrar os grandes mentores do conto. Sua última carta a mim é de 10/3/93. Nela anuncia a publicação de um livro seu de contos pela editora Siciliano. A seguir veio a doença. Amigos me falavam de seu estado de saúde. E das homenagens que a ele se preparavam no Ceará, por ocasião de seu 80º aniversário. Como a edição da dissertação acadêmica *Moreira Campos, a Escritura da Ordem e da Desordem*, do professor José Batista de Lima.

Em 7/5/94 José Maria Moreira Campos nos deixou.



## UM DOUTOR EM POESIA

Conheci Sérgio Campos em 1987 e com ele me corripondi desde aquele ano até poucos dias antes de seu falecimento. Escreveu-me 52 cartas ao longo de oito anos. Escrevi-lhe, talvez, o mesmo número de vezes. A apresentação de um ao outro se deu pela mão (melhor dizer pela palavra) de Floriano Martins.

Quando nos conhecemos, Sérgio havia publicado quatro livros, que aos poucos me foi ofertando. A primeira dádiva me veio junto à primeira epístola, de 8/5/87. Não se tratava de seu livro inaugural, porém do quarto – *Montanhecer*. E dizia, já no segundo parágrafo: “É que circulam por aí tantos livros, mormente de poesia, alguns tão sem raiz, alma, que a gente percebe estar-se deteriorando essa antes tão eficiente forma de mútuo conhecimento. Se recebo, desconfio; se envio, receio.”

Nascia bem nossa amizade, o “mútuo conhecimento” dele por mim e de mim por ele. Nascia exigente, crítico, objetivo. Como ele mesmo.

As cartas de Sérgio são, quase sempre, analíticas, críticas. Mergulha ao fundo das questões suscitadas, sobretudo em decorrência da leitura de um livro. Sua segunda carta é um belo

ensaio, embora anuncie: “Reitero que não sou crítico, nem tenho a veleidade de o ser.”

Mais tarde escreveu alguns artigos de crítica literária e um ensaio. Se quisesse (ou tivesse tido tempo), poderia ter alcançado bom nome nessa área.

Cartas tratam, geralmente, do cotidiano, de circunstâncias. Ainda assim, ele não se deixava ir na conversa. Ia mais além. Divagava, posso dizer. Captava um princípio de pensamento do outro e o desenvolvia. Assim, analisando o meu *Punhalzinho cravado de ódio*, disse desconhecer algumas palavras por mim utilizadas. E citava “tiborna”, “barbatão” e outras. Na missiva seguinte voltou ao assunto: “Quanto às palavras, seus significados são deliciosos. Como são bonitas e ricas as palavras, como a linguagem é fascinante. É duro constatar que a língua portuguesa aqui no Brasil encontra-se em fase de extinção. O vocabulário em uso está se estreitando tanto que mais breve que possamos supor estaremos falando uma das línguas mais ralas e pobres do planeta.”

Aos poucos fomos nos fazendo íntimos. E logo fiquei sabendo de seus problemas de saúde: a fratura do fêmur esquerdo, em 1983, segunda cirurgia no ano seguinte, terceira em 85, quarta, quinta.

Uma das melhores virtudes de Sérgio talvez tenha sido a humildade. Nada de arrogância, de presunção. Pois chegou a me enviar poemas esparsos e livros seus antes de publicados, para que eu, simples prosador, o ajudasse a “melhorá-los”. Ou para que os aprovasse ou reprovasse.

Humilde, não quer dizer fosse condescendente com os embusteiros da literatura. Batia-se, sim, pela recuperação do soneto, por exemplo. E causticava os que o escreviam a esmo e proclamavam ter descoberto um filão, publicando livros e livros horrorosos. E lamentava-se: “Desanima, parece que nos volta o peso de recomeçar do zero, pois a história do soneto na literatura brasileira é a própria história da infâmia.”

Sérgio foi um dos criadores da revista "Literatura". Participou do projeto desde os primeiros momentos. Assim, em 3/7/90, me dizia: “Não podemos mais estar por aí de pires a mão, a depender dos Pascoais da vida, em busca de espaço para divulgação de nossos trabalhos.”

Se mais não participou da elaboração da Revista, se não esteve presente a todos os momentos dela, há uma explicação: estava dedicado a outros dois grandes projetos. O primeiro nascido de sua preocupação com o isolamento de nossa literatura em relação ao resto do mundo e, especialmente, a América Latina. O

segundo projeto chamava-se Mundo Manual, uma editora para publicar seus livros e de outros bons poetas.

Uniu-se a Floriano Martins no projeto de rompimento de barreiras. Criaram o jornal “Resto do Mundo” e passaram a divulgar no Brasil um segmento da literatura hispano-americana. E vieram à tona nomes como os de José Kozér, Eugenio Montejo e Javier Sologuren. Pretendiam editar pequenas antologias desses e de outros poetas desconhecidos em nosso país.

Em 1990 criou uma editora, “uma paixão antiga”, como me disse. No ensaio *Ponto e Contraponto*, publicado em 1992, analisa também o livro enquanto livro e, didaticamente, ensina: “Pensamos na edição de um livro como o trabalho nobre de textos de torná-lo de fácil leitura, pelos tipos adequados, pela diagramação mais consoante à natureza dos poemas, pelo formato que se harmoniza com o dos poemas, e sobretudo pelos cuidados com a boa apresentação, blocagem, lavor gráfico, beleza, posto que nela veja Barthes um rosto vazio (mas a respeito de cujos traços temos muito boas referências), e limpeza, pois nada mais lamentável que um livro produzido com desleixo. É como se o poeta tivesse por seu livro o mesmo conceito que tem por seus poemas.”

Outro sonho de Sérgio Campos: doutorar-se em Poética. Em fins de 1992 prestou exame de mestrado na Universidade do Rio de Janeiro. A seguir viria a fase de dissertação e, daí a 36 meses, a tese de doutorado.

Se não conseguiu o título, o diploma de doutor em Poética, nós, seus leitores – que, espero, sejam muitos e muitos daqui por diante – lhe damos e daremos outro título: o de artífice, de mestre, de doutor em Poesia. Pois Sérgio Campos é, sem dúvida, um dos melhores poetas brasileiros deste final de milênio.

Meu último contato epistolar com ele se deu no dia 12/12/94. No pós-escrito anunciava: “Viajo amanhã e só retorno em 10/1/95.” Não sei dizer para onde viajou. Nem se retornou à sua Ilha do Governador. Dias depois Jorge Pieiro me telefonou de Fortaleza para comunicar a viagem eterna de nosso amigo e companheiro.

## UM POUCO DE BRAGA MONTENEGRO

Estive uma vez com Braga Montenegro. Se não me engano, em 1976. Logo depois, já em Brasília, recebi dele uma carta.

Nascido em 28 de fevereiro de 1907, em Maranguape, Ceará, Joaquim Braga Montenegro viveu na Amazônia durante sete anos, de 1925 a 1932. João Clímaco Bezerra anotou: “E quase menino ainda, franzino e pobre, rumou para a aventura da Amazônia, onde acabaria de crescer diante dos rios lendários e da paisagem bravia.” No entanto, os melhores anos de sua vida de escritor ele os viveu em Fortaleza, onde leu, primeiro, desordenadamente, e, depois, “com uma sistematização e um espírito seletivo dificilmente encontráveis nos autodidatas legítimos”, no dizer de Clímaco. Faleceu aos 73 anos de idade.

Como crítico literário, publicou as seguintes obras: *Araripe Júnior (Subsídios para um estudo)*, Fortaleza, separata da revista “Clã”, 1951; *Evolução e Natureza do Conto Cearense (Estudo)*, Fortaleza, separata da revista “Clã”, 1951; *José Albano (Poesia, Antologia, Apresentação Crítica, Notas, Questionário)*, Rio de Janeiro, AGIR (coleção “Nossos Clássicos” nº 30), 1958; *Correio Retardado (Estudos de Crítica Literária)*, Fortaleza, Imprensa Universitária do

Ceará, 1966; e *Correio Retardado - II (Estudos de Crítica Literária)*, Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social do Ceará, Fortaleza, 1974. Como ficcionista, publicou *Uma Chama ao Vento* (Contos), Edições Aequitas, Fortaleza, 1946, e *As Viagens* (Novelas), Gavião Editora, Rio de Janeiro, 1960. Escreveu, ainda, *Boa Esperança em Quarenta e Oito Horas (Reportagem sobre a Hidroelétrica de Boa Esperança)*, 1969.

Surgiu Braga Montenegro com a geração de 45. Suas novelas, reunidas sob o título de *As Viagens*, foram escritas, provavelmente, no início da década de 1950. O volume traz alentado estudo, intitulado "Algumas Palavras Sobre a Teoria da Novela", escrito com o fim de definir as narrativas do livro como novelas. São cinco histórias que tratam temas da Amazônia. Todas elas são narradas por personagens forasteiros. A descrição do ambiente é, no entanto, perfeita, se compararmos suas novelas às de outros ficcionistas naturais ou não daquela região. Quanto à técnica, não encontrei nenhuma novidade, mesmo porque o modelo em vigor era o realismo nordestino, apesar de Braga demonstrar ter lido e relido escritores inovadores como Joyce, Gide, Conrad, Rilke, Pirandello, sobre os quais escreveu ensaios críticos de enorme valor. Seu

realismo não tem semelhança com a crueza de um José Lins do Rego. Nada tem de naturalismo, embora o ambiente descrito seja o mais compatível com os fundamentos daquela escola. O homem é visto através de meio, sua brutalidade, sua rudeza, sua amplitude, sua beleza natural e apavorante. No entanto, João Clímaco tem opinião diversa desta: (...) “apesar dos anos de longo aprendizado no inferno verde, Braga Montenegro não se filiaria à corrente dos ficcionistas nordestinos perdidamente telúricos. A paisagem, nas suas histórias, se evidencia apenas para compor o ambiente, criar a atmosfera em que se movem, sofrem e amam os personagens.”

Braga Montenegro pode não ser posto ao lado dos melhores ficcionistas, porém sua habilidade no trato do vernáculo é comparável à dos grandes nomes da prosa de ficção brasileira, de Machado a Graciliano. No ensaio “A Inquieta Modernidade de Braga Montenegro”, publicado no “Suplemento Literário Minas Gerais” de 26 de abril de 1980, Francisco Carvalho escreveu: “Sua profunda consciência literária acabaria por transformá-lo num artesão exigente e meticuloso.” Mais adiante chama Braga Montenegro de “prosador consumado, profundo conhecedor do seu ofício e das complexas particularidades do universo semântico.” Isto não quer dizer seja ele



apenas um vernaculista, tão-só um cultor do período bem construído, da frase enxuta, da palavra certa no lugar certo. Braga Montenegro é também um criador de tipos, um descritor de ambientes, um perito em tramas, um hábil contador de histórias.

Para muitos analistas da obra de Braga Montenegro, o melhor dele está nos estudos de crítica literária. *Correio Retardado-II* é composto de oito estudos sobre escritores brasileiros e cinco sobre estrangeiros. A primeira parte é dedicada a *Iracema*, de José de Alencar; *Terra de Sol*, de Gustavo Barroso; o contista Eduardo Campos; alguns livros de memórias; Antonio Sales; Guimarães Rosa; Graciliano Ramos; e “A Crítica e o Método”. A segunda parte traz ensaios sobre André Gide, Joseph Conrad, Rilke, Emily Bronte e Pirandello.

Braga Montenegro escreveu muito, como ele mesmo afirma: “De um acervo maior de mil folhas datilografadas, redigidas ao longo de 30 anos de uma atividade obstinadamente exercida no convívio das letras, retiramos esses dois punhados de páginas com que compomos as duas séries de nosso *Correio Retardado*.” Publicou pouco. Francisco Carvalho no ensaio já mencionado conclui: “Daí que, produzindo ficção ou crítica literária, a qualidade prevalecesse, necessariamente, sobre a quantidade.”

## ACHADOS DE UM MENINO PERDIDO

De certa forma, fui discípulo de Ailton. Adolescentes ainda, fazíamos versos, de preferência sonetos. Os meus não valiam nada, e pouco depois mandei toda a papelada ao lixo. Os dele são alguns destes agora reunidos em livro, pela primeira vez, passados tantos anos de sua morte. O que restou de tudo o que escreveu, apenas 30 poemas, alguns contos e fragmentos diversos. Há um poema datado de 1957, quando chegava aos 15 anos de idade. É verdade que são inúmeros os casos de escritores que escreveram obras-primas quando bem jovens. Porém a maioria dos adolescentes deixa de lado as veleidades literárias também muito cedo. Não foi o caso de Ailton, logicamente. Porque tinha talento. Sua poesia é de bom nível. Não por saber metrificar e rimar, como todo bom poeta o sabe. Ailton sabia métrica e ri-ma porque lia e estudava. Lia os bons poetas, como Castro Alves, um de seus ídolos. Sabia de cor páginas inteiras do poeta baiano. Escreveu poemas de excelente extração, a lembrar os românticos. Aliás, o vocabulário de Ailton é quase sempre romântico. E rico. E os versos românticos são o melhor dele. Quando pretende fazer poesia político-social, como em "Desperta, Brasil", só nos resta lamentar.

Como dizia, há muito mais riqueza nos versos de Ailton que apenas rima e métrica. E houve um tempo em que abandonou uma e outra, quando leu os modernistas. Nada dessa poesia sobreviveu às intempéries de sua atribulada vida. Não foram centenas ou milhares de poemas, pois cedo largou a pena. Talvez por volta de 1968, quando mais se aventurou pelo penoso caminho do alcoolismo. Versos de Castro Alves, Maurice Rostand e Júlio Maciel aparecem em epígrafes a poemas de Ailton. E isto demonstra a variedade de suas leituras. Do primeiro já falei. O segundo deve ter sido encontrado em alguma antologia da poesia francesa. O terceiro é tido como um dos bons parnasianos cearenses e, à época das leituras de Ailton, podia ser encontrado nas livrarias e bibliotecas públicas. A produção poética de Ailton daria um grosso volume. Restou, porém, pequena parte. Com certeza, seus primeiros versos. Há um soneto de 64 e três de 65. Os demais são de datas anteriores, ou não estão datados.

Ou seja, a maioria de seus poemas foi escrita entre os 15 e os 18 anos de sua vida. Escreveu também prosa de ficção. Apenas quatro contos se salvaram: "Santa Caçada", "O Touro", "O Careca" e "O Presente da Professora". Os onze fragmentos encontrados podem ser de contos e romances. Quase todos sem títulos. Ailton quase

sempre não usava vírgulas e pontos nos versos. Em algumas ocasiões tentei suprir estas "falhas". Porém o uso de maiúsculas no início dos versos dificultou-me a tarefa. E se não me é dado este direito, que me perdoem. Há também palavras ilegíveis nos manuscritos e nas folhas datilografadas. Outras foram suprimidas pelo datilógrafo. Repito: o que sobrou é apenas uma amostra do que escreveu Ailton. Sua obra mais importante desapareceu. Talvez no incêndio doméstico que quase o matou, em Brasília, onde foi viver (e morrer) no início dos anos 1970. Sua morte clínica se deu no dia 22 de outubro de 1974. Dois anos mais velho que eu, Ailton Alves Maciel nasceu em Baturité a 7 de março de 1943. Desde cedo mostrou-se arredo à rua, às brincadeiras com outros meninos, ensimesmado. Coursou o ginásio com os padres salesianos. Então estudava-se quase tudo, inclusive latim. E também francês e inglês. Além do mais, em casa havia alguns livros de boa literatura. Em 1957 completou o curso e viajou a Belém do Pará, onde os novos ginásianos comemoraram o grande feito de suas vidas. Ao regressar, escreveu o relato da viagem. Em seguida matriculou-se na Fênix Caixerai, tradicional colégio de Fortaleza, onde coursou o clássico. Eram anos difíceis para nossa família. Precisava trabalhar e deixar de estudar. A

Universidade ficava para depois. Ou para nunca. Em 1964 trabalhava num restaurante italiano e se dizia nacionalista. Com o golpe, veio mais uma decepção. É desse período o início de seu namoro com a bebida, que nunca mais largaria. Porém ainda teve um momento de soerguimento: em 1970 ingressou na Universidade. Porém não chegou a concluir o Curso de História, na Faculdade de Filosofia do Ceará. Talvez já fosse tarde demais. Pois logo resolveu abandoná-la. Até porque já sabia quase tudo o que os livros da escola continham: antropologia, história, psicologia, etnologia, filosofia, português etc. Sabia até matemática, que lecionava a meninos e rapazes do bairro. Chegou a manter pequena escola para estudantes em dificuldades. Em dois textos em prosa, Ailton fala da grande vontade de ver seus versos publicados em livro. E também do desejo de vê-los em lugar seguro, eles que sempre andaram "perdidos por aí", como ele próprio – menino perdido no turbilhão da vida.

## UMA CRÔNICA DE JOÃO BRÍGIDO

Um editor me pediu um escrito natalino para um jornal. Pensei num cartão, numa carta, numa cartona. Imaginei uma virgem e seu filho. Vasculhei a Bíblia, minha biblioteca. Cheguei a ler um auto pastoril. E terminei na *Antologia de João Brígido*. Passei o dedo pelo índice e fui dar na crônica “Uma manhã de Noel”. O livro tem quase seiscentas páginas. Parece-me ser esta a única crônica do livro, compilado pelo poeta Jáder de Carvalho, a tocar o tema do 25 de dezembro.

O livro é raro, porque publicado em 1969, em Fortaleza. E, não fosse ele, a crônica natalina de João Brígido seria mais desconhecida ainda, uma vez publicada apenas em jornal. Exatamente em 27 de dezembro de 1916.

O cronista narra uma noite de Natal “calma, festiva e boa”, sem “um atrito qualquer que merecesse reparo de censor o menos indulgente.” Esperavam-se, talvez, distúrbios populares. A seca do ano precedente motivaria o famoso romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz.

“Uma manhã de Noel” comenta uma noite de Natal em Fortaleza, então pequena cidade de poucos milhares de habitantes. Segundo o cronista, mais de 25 mil pessoas saíram às ruas para aguardar a estrela-d'alva, costume quase

desaparecido. E detalha a festa: “bebeu-se e muito e comeu-se do que reatava na terra; cantou-se, vozearam as bandas de música militares; franquearam-se todos os logradouros públicos e tudo foi alegria, esperança e seguridade” (...)

No Natal ainda se bebe e come, pelo menos uma parte da população. No entanto, já não se canta, nem se vêem bandas de música. Nas igrejas ainda se rezam missas do galo? Algumas famílias certamente continuam a matar perus. O cronista escreveu, no penúltimo parágrafo: “quem possui tantos dotes d’alma um dia possuirá a terra.” Passados tantos natais do louvor e da profissão de fé de João Brígido, muitas secas expulsaram o homem cearense e nordestino de suas terras; muitos romances foram escritos tendo por cenário a terra nordestina e por tema a seca, cujo ponto culminante é o *Vidas Secas*; muitos políticos chegaram ao poder sob promessas demagógicas de transformar o Nordeste do Brasil em um paraíso. Os sertanejos, no entanto, têm lutado pela terra. Se a mansidão é um “dote d’alma”, isso é lá com Papai Noel.

## A REVISTA O SACO

“O Saco” não surgiu por acaso. Nós o criamos por necessidade. Queríamos publicar nossas obras. Porque nada é criado para o seu criador. Escrevemos para leitores. Kafka existiria (teria existido) se lhe tivessem queimado os originais?

Em 1975, Carlos Emílio, eu e outros jovens escritores cearenses muito conversávamos, líamos e escrevíamos. Onde iríamos publicar nossas obras? Para as editoras do Rio de Janeiro e de São Paulo não existíamos. Pôr que, então, não criávamos uma revista? Após diversas reuniões, um grupo se consolidou: Carlos Emílio, Jackson Sampaio, Manoel Raposo e eu. Nascia “O Saco”. Como consequência, quem escrevia pouco passou a escrever mais. Quem acalentava a idéia de ser romancista escreveu um romance.

Éramos pais-de-família, com exceção do Carlos Emílio, estudante profissional e imberbe. Havia um livreiro, um médico recém-formado e um redator de publicidade. Ao “Saco” dedicamos todas as nossas horas. De início, sabíamos que sem publicidade a revista não sobreviveria. E nunca conseguimos grandes anunciantes. Nossa revista não atingira os milhares de leitores dos jornais diários. O primeiro número teve distribuição precária. Houve encalhe. A partir do



segundo conseguimos chegar às bancas das principais cidades do País. Como se fez isso, se a tiragem era de seis mil exemplares? Eis aí a razão principal do nosso fracasso. Cada macaco no seu galho. “O Saco” não podia ter distribuição nacional. Pôr que não concentramos nossas atividades no Ceará ou mesmo no Nordeste. Tentar vender literatura nordestina em outras regiões equivalia a vender geladeira nos pólos.

Decidimos no início que “O Saco” seria uma revista democrática. Publicaríamos até um fascista, se sua obra fosse literariamente boa. Fizemos isso. Éramos realmente um “saco de gatos”. Em razão disso, chegaram a qualificar a Revista de alienada e alienante. Publicamos quem não precisava de divulgação, estrangeiros como Júlio Cortazar e não publicamos nada sobre episódios de nossa História, como o de Caldeirão.

## O GRUPO SIRIARÁ

O Ceará tem sido pródigo em movimentos literários. O grupo dos Oiteiros surgiu em 1813. Seguiram-se a Academia Francesa (1873/1875), o Clube Literário (1886), a Padaria Espiritual (1892), o Centro Literário (1894), o Grupo Clã (década de 1940), o Grupo Sin e outros de menor importância. Em 1976 um grupo de escritores criou a revista "O Saco". No entanto, não se tratava de um movimento ou de um grupo com idéias de movimento literário. Nossa pretensão era uma só: editar uma revista. Sem muitas restrições. Nada de bairrismo, regionalismo, nacionalismo. Nenhum ismo. Ao deixar de circular um ano depois, a revista deixou sementes. E dois anos depois surgiu o "Grupo Siriará". No dia 14 de julho de 1979 publicou-se o "Manifesto Siriará".

Explica-nos João Brígido que "a palavra primitiva ouvida ao índio era *ciri-ará*." E esmiuça a formação da palavra: "Ciri, na língua guarani, quer dizer *andar para trás* e o selvagem, fazendo dum fato uma substância, chamou a todo *câncer* marítimo ou *caranguejo-ciri*." E mais adiante: "ará é adjetivo significando claro, branco, alvamento, etc, etc." O "C" primitivo de *ciri* transmudou-se depois no "S" de *siriará* para, em seguida, por síncope, dar *Siará*. Uma revanche

fonética trouxe de volta o "C" e deu Ciará. E, por último, Ceará, apesar de o povo continuar a pronunciar Ciará.

Vem de longe essa mania cearense de dar gritos originais no plano das letras. Alencar com o indianismo, Franklin Távora com a "Literatura do Norte", os jovens da Padaria Espiritual com sua troça e seu nacionalismo. Siriará foi um grito novo contra muita coisa. E, logicamente, a favor de outras tantas. Por exemplo: "contra a ritualística de um passado literário que formal e conteudisticamente não mais representa a realidade nordestina do momento". Não se tratava, evidentemente, de uma nova semana de 22. Era um grito a favor da democracia, entendendo-se como tal a prática dos direitos. Nacionais e regionais, individuais e de classe. Não um berro regionalista, um aboio para ser ouvido no Sul e lá fora, como um exotismo. "Somente dentro dessa roupagem nos permitem lançar nacionalmente nossa 'mercadoria'", está no manifesto.

As idéias básicas do Movimento eram, segundo o Manifesto: 1) Contra a ritualística de um passado que formal e conteudisticamente não mais representa a realidade nordestina do momento. Viva Graciliano, José Américo, Zé Lins do Rego, "O Quinze" de Rachel, João Cabral,

Grupo Clã... Viva. Como lição, roteiro, experiência. Superação, não supressão. A seca e o sonho continuam. A favor de um texto terra (conteúdo); de um texto mestiço (forma); de um texto Siriará (intenção e linguagem). 2) Contra o colonialismo interno do sul e a condenação regionalista da literatura nordestina. A favor de uma literatura sem vassalagem, nordestinagem, inferioridade. Pensar e sentir o Nordeste e ter o direito de perguntar pelo Brasil. E não somente o Nordeste, território à parte. 3) Contra modelos e formas de pensar e escrever importados – impostados, impostos – pastagem alienante da culturália tupiniquim mal pensante. A favor de uma literatura brasileira brasílica. Autóctone. Sem totens nem tabus. Sem “fervor reverencial” à cultura da solene mamãe Europa e adjacências e/ou do executivo caubói do Arizona. O universo situado a partir de um discurso e uma linguagem crítica que reflitam a nossa própria situação/condição histórica. Pensar e sentir o Brasil no mundo. E o mundo no Brasil. A favor de uma escritura nordestina/brasileira, brasileira/planetária. Força centrípeta e centrífuga da linguagem. Da literatura. Da História. Da sabedoria cosmo-nativa. 4) Contra toda forma de opressão, de repressão política e/ou cultural. Fora, fuuu – a máscara policialesca da moral e dos bons

costumes (literários). Fora a censura planaltina. Fora, fuuu – todas as patrulhas. E todos os pulhas ideológicos e literários. Queremos a verdade e a sinceridade. Ainda que tarde. Pra tudo rimar com Liberdade. A favor de uma literatura de combate, de questionamento, de indagação. De si mesma. Do indivíduo. Da sociedade. Do Brasil D. R. isto é, Depois de Rosa. Aqui e sempre. AVE, PALAVRA.”

Assinaram o Manifesto os seguintes escritores: Adriano Spínola, Airton Monte, Antonio Rodrigues de Sousa, Batista de Lima, Carlos Emílio Correa Lima, Eugênio Leandro, Fernanda Teixeira Gurgel do Amaral, Floriano Martins, Geraldo Markan Ferreira, Jackson Sampaio, Joyce Cavalcante, Lydia Teles, Márcio Catunda, Maryse Sales Silveira, Marly Vasconcelos, Natalício Barroso Filho, Nilto Maciel, Nirton Venâncio, Oswald Barroso, Paulo Barbosa, Paulo Vêras, Rogaciano Leite Filho, Rosemberg Cariry e Sílvio Barreira.

Além do manifesto, vastamente publicado, o movimento editou livros; promoveu um seminário, com a leitura e discussão de textos dos seus membros; participou de encontros com estudantes; publicou uma revista-antologia e um suplemento especial no jornal "O Povo", edição de mais de vinte mil exemplares, criteriosamente

elaborado, com fotografias, biografias, depoimentos e textos de todos os seus integrantes, além do manifesto; encenou peças. Surgiram propostas como a veiculação de um jornal e a organização de uma antologia de escritores cearenses.

Grupo literário atuante, inovador, exemplo para outros movimentos nos diversos Estados, como forma sadia de mostrar que o Brasil literário não é aqui, ali ou alhures – “Siriará” durou alguns anos.

## A CRISE DA LITERATURA

Há tempos anunciam: a literatura está em crise e o indício mais contundente disso está na constatação de que o povo não lê literatura. Os corifeus desse pregão antigo explicam: essa crise é resultante de um distanciamento ideológico entre a literatura e as necessidades de mudanças sociais. Isto é, os escritores estão atrasados, vivem no passado, não se ocupam de questões cruciais.

Por que não dizer: a literatura *não está em crise*? Ora, crise de quê? De qualidade? De produtividade? De consumo? De aceitação? Se existe, pelo menos, a liberdade de criar (qual a tirania capaz de impedir a existência de um Dostoievski?), qual o Kafka que vai deixar de criar e qual o escrevinhador que vai deixar de escrever? Se o homem vivesse apenas vinte e poucos anos, por acaso deixariam de existir os Castro Alves? Se existisse apenas um leitor no mundo, por acaso a Bíblia deixaria de ser lida para milhões? É verdade, apenas uma parcela mínima da população brasileira lê literatura. No entanto, não é isso resultante da existência de uma má literatura. Por acaso estão desaparecidos os maravilhosos livros do passado? Na verdade, existe uma crise do povo – embrutecido pelas máquinas. Não será a literatura chamada social,

participante ou engajada que irá fazer o povo ler. O povo não lê nada. Lê apenas os *out-doors*. O povo foi afastado da literatura, pois, onde a máquina ainda não chegou, a literatura é consumida, sobretudo em leituras coletivas. Como o cordel. E nele tem de tudo: aventura, mito, profecia. E, para estarrecer os “literatos revolucionários”, Raymond Cantel, depois de pesquisar cerca de mil e quinhentos poemas impressos (folhetos) diz: “no tempo de Canudos, os profetas populares lutavam contra a República recente, alguns decênios mais tarde fustigam o marxismo.”(1). Logo, a suposta crise não tem a mínima relação com este ou aquele tipo de literatura. E, se tivesse, a literatura engajada no Nordeste estaria simplesmente espetada em mandacarus.

(1) “As profecias na literatura popular do Nordeste”, tradução de Berenice Xavier, publicada em “O Saco” nº 5.



## PRÊMIOS E AGRURAS

Não é nada fácil ganhar prêmios literários. Concorrem a eles centenas, às vezes milhares de escritores e escrevinhadores. Seriam necessários dezenas de julgadores. Ou alguns anos, para que os três (quase sempre são apenas três) leitores lessem tudo. Assim, não há tempo para a leitura de todas as obras inscritas. Resultado: terminam ganhando os mais íntimos da sorte. Claro que a maioria não está incluída nesse rol. Suas obras não chegam a participar do jogo. São jogadas ao lixo antes do início do jogo. Uma seleção prévia – a leitura de um parágrafo, de duas ou três frases, versos – é o suficiente para que o julgador tenha idéia do valor da obra inteira. Mas não quero me alongar nessa história de leituras e sortes. Seria uma novela sem fim. Vou, pois, passar à fase seguinte do concurso: o recebimento dos prêmios. Para tanto, tenho a contar quatro historiazinhas das quais fui protagonista ou participante.

Primeira história: em 1990 participei do “XXII Concurso Nacional de Literatura”, categoria romance, promovido pela Secretaria de Cultura do Distrito Federal. Inscrevi o livro *A Última Noite de Helena*. Uma tarde, enfasiado de processos, crimes, petições, abri um jornal. A

notícia do prêmio me chamou a atenção, apesar de não me lembrar mais de minha participação no concurso. O redator anunciava os nomes dos ganhadores e os títulos das obras premiadas nas diversas categorias. Havia a foto de um homem que eu desconhecia e uma legenda: “fulano de tal, vencedor na categoria romance, com o livro *A Última Noite de Helena*”. Tomei um susto. Ora essa, alguém havia escrito um romance sob o mesmo título do meu. Não acreditei em coincidências. Como sou sempre pessimista, aventei a hipótese da troca dos títulos dos livros. O ganhador seria mesmo aquele homem da foto. O equívoco teria sido cometido apenas em relação ao título do romance. Alguém teria levado à redação do jornal a relação dos títulos concorrentes. No dia seguinte tive direito a foto, aliás em maior espaço do que o ocupado pelo outro, e a falar do engano cometido e de minha vida de escritor.

A segunda parte da história é menos cômica: de posse do cheque, fui ao banco. O caixa pediu minha cédula de identidade e berrou: “este nome não confere com o nome constante do cheque.” No cheque haviam escrito “Nilto Maciel”. O “Fernando” havia sido suprimido. Não recebi o dinheiro, depois de passar duas horas na fila. Recebi-o, sim, dias depois.

Segunda história: participei do “Concurso Graciliano Ramos de Romance (1992-1993)”, promovido pelo Governo do Estado de Alagoas, com o livro *Os Luzeiros do Mundo*. A notícia me chegou por telefone. Porém fui chamado por uma vizinha, para onde haviam ligado. Deram-me parabéns; aguardasse comunicação por escrito. O prêmio consistia em algum dinheiro e na edição do romance. Aguardei a comunicação por alguns dias. Depois esperei o cheque. Passaram-se dias, semanas. Decidi mandar cartas e telefonar. Aquelas não foram respondidas. Ao telefone o outro, a outra nunca sabiam de nada. “Isso deve ser com o doutor sicrano; aguarde um minuto, por favor.” Passavam-se minutos e mais minutos. “Ele mandou dizer que é para o senhor aguardar o cheque aí em Brasília.” Gastei uma fortuna com telefonemas. E finalmente o cheque bateu à minha porta. A edição do romance, no entanto, até hoje não se fez realidade.

Terceira história: em 1996 participei do “Prêmio Cruz e Sousa de Literatura”, promovido pelo Governo do Estado de Santa Catarina. Enviei o romance *A Rosa Gótica*. O prêmio consistia em algum dinheiro e na edição do livro. Fiquei sabedor da premiação por um telegrama passado pelo poeta Iaponan Soares. Gato escaldado, peguei um avião e fui a Florianópolis. Levava

comigo também uma procuração passada pelo poeta Anderson Braga Horta, ganhador do prêmio de dramaturgia. Apresentei o documento a uma funcionária, que guardou segredo disso. Na solenidade de entrega dos prêmios, o primeiro a ser chamado foi exatamente o Anderson. Dirigi-me à mesa, o governador me apertou a mão, fui aplaudido pelo pequeno público e voltei à cadeira. Mal me sentava, o orador anunciou o prêmio de romance. Ainda com o cheque do Anderson à mão, me encaminhei à mesa. Houve estupefação geral. Como explicar aquilo? Eu era Anderson ou Nilto? Iaponan tratou de me socorrer, aos gritos: “Este é o Nilto mesmo, eu garanto.” O livro ainda não foi editado .

Quarta história: também em 1996 participei do “VI Prêmio Literário Cidade de Fortaleza”, promovido pela Fundação Cultural da capital cearense. Enviei o conto “Apontamentos para um ensaio”. A notícia da premiação me foi dada pelo poeta Diogo Fontenelle. Viajei a Fortaleza em janeiro de 1997. Falaram-me da esmagadora vitória eleitoral do prefeito situacionista, dos enormes gastos com a campanha eleitoral e, logicamente, da falta de recursos financeiros para saldar compromissos assumidos pelo antecessor. Portanto, não havia dinheiro para o pagamento dos prêmios literários. Fui procurado por

inúmeros jornalistas e instado a fazer de público a cobrança da dívida prefeitoral. Às vésperas (dois meses depois) de regressar a Brasília, exatamente duas horas antes da partida do avião, recebi o tão esperado cheque. O livro, que reuniria meu conto e os nove que se seguiram ao meu em ordem de classificação, ainda espera por editor.

Apesar dessas agruras, sou um dos milhares de escritores que acreditam em concursos literários, não dão ouvidos ao azar e têm certeza de que suas obras nunca irão para o lixo. E sabem não ser nada fácil ganhar prêmios literários. Ganhar, receber e ver cumpridos os regulamentos. Sobretudo o artigo que diz: “o prêmio consiste em ... e na publicação da obra vencedora.”

Agora peço, ao leitor paciente, permissão para me retirar. Preciso ler direitinho um regulamento de concurso literário que me chegou hoje.

## FOSSAS

A moça mal me conhecia, apesar de sermos vizinhos há mais de um ano. Tocou a campainha e, mal abri a porta, pôs-se a contar a tragédia: sua cozinheira cometera um crime horrível. A princípio não lhe dei ouvidos. Dei-lhe todos os olhos. Talvez não estivesse girando bem. Bater-me à porta àquela hora da manhã, para contar-me um sonho ruim, sem sequer me conhecer, só estando biruta!

Aos poucos, porém, fui deixando de lado essa mania de ver neuroses em tudo e em todos. Ora – e eu sem perceber –, a moça queria apenas me conhecer, fazer-se amiga. Ofereci-lhe café. Ficasse à vontade, entrasse. Sim, aquilo bem podia dar em namoro. Pela primeira vez, desde que vim arribado da seca, retirante letrado e bem apessoado, alguém me procurava para um bate-papo. E logo aquela moça bonita. Não lembro os detalhes, mas tenho certeza de que meus olhos dançavam e meus lábios sentiam cócegas. E ela falando pelos cotovelos, contando a história da doméstica malvada, assassina. Levei os óculos à cara e só então percebi o choro da pobrezinha. E a enorme desgraça ocorrida em sua casa. Cego que sou e só sei ver neuroses e sexo! Transformei-me às pressas, como quem muda de máscara, e, cheio

de remorsos, bradei interjeições e impropérios. Uma desgraça, uma desgraça! Como a querer consolar a pobre patroa e a punir a vil doméstica.

Quando ela se foi, sem socorros, fechei a porta sem ânimo e caí no sofá, a remoer uma angústia de gente besta, ainda não acostumada às pequeninas desgraças cotidianas. A doméstica desalmada que lançara ao vaso sanitário o fruto de seu pecado, como se fizesse apenas uma necessidade fisiológica. O bichinho que caíra, vermelho, na brancura infecta, contorcendo-se de morte, a clamar o primeiro e o último apelo à vida. E lá descera pras profundas das fossas, a morrer de catinga.

Ia eu refazendo mentalmente a tragédia, quando me veio a idéia de escrever um continho: a curta vida – do ventre à latrina – a curta vida de um feto.

Porém já agora, que trabalhei o dia todo, dou por esquecidos a angústia de minha bela vizinha, meus ímpetos adúlteros, o prazer de sentir-me cercado de gente conversadeira, o pequenino ódio à criminosa, e, ainda, a fúria literária. Ficou essa ruminação de jumento cansado, duas cangalhas de rapaduras nos lombos feridos, a caminho da feira. Mas o que rumino não é o feto não tornado ser. Remôo cá dentro da cachola é aquela quase-menina fugida dos

interiores da vida e que veio bater nesta Brasília ainda tão criança e já tão cheia destas absurdezias. Aquela moçota que deixou os pais a plantar batata nos cafundós-de-judas e veio ser doméstica na cidade grande. Aquela cabocla que fugiu para o futuro do fogão a gás e nunca mais carregar lenha às costas. A mestiça que, de tanto lavar prato, esqueceu os planos antigos de um dia ser gente também. A caipira que veio aprender a namorar motoristas e sobretudo o prazer macabro de engendrar um ser para depois sufocá-lo de vergonha numa sentina qualquer. A brasileirinha que deixou o sertão distante, cheia de enganos, para vir se encher de desilusões em Brasília. E agora sentir-se tão afundada na fossa (como dizem na gíria), deprimida, culpada, criminosa, ao pensar que poderia amamentar um filho, em vez de vê-lo morto de catinga numa fossa alheia.



## A FÚRIA DA PAIXÃO

Muita gente faz do sábado de Aleluia uma grande festa pública. E se diverte à tripa forra. Espécie de carnaval de um dia.

Essa gente festeira sai às ruas com o único fito de malhar e queimar bonecos de pano, papel e palha, chamados Judas.

Tal festa é conhecida desde alguns séculos por “malhação do Judas”. Dizem ter se originado na Península Ibérica. Onde também se originou a Santa Inquisição.

Enquanto no interior das igrejas é celebrada a ressurreição de Cristo, nas ruas acontece a tal festa profana. Dentro das igrejas estão padres e leigos. Nas ruas brincam apenas os leigos.

Segundo a Bíblia, Judas Iscariotes, um dos doze apóstolos, traiu Jesus, recebendo por seu ato o pagamento de trinta dinheiros. E em seguida suicidou-se.

A tradição cristã fez de Judas um criminoso repelente. E os cristãos lhe dedicam ódio mortal. Daí a malhação e queimação de bonecos que o representam.

Trata-se, na verdade, de uma encenação, de um teatro. Não há texto, apenas ação. Os atores anônimos espancam, insultam e, finalmente, queimam o ator principal – o boneco. Armados de

paus, os cristãos, furiosos, investem contra Judas. E, num átimo, o estraçalham.

A tragédia se consuma no enforcamento e na queimação do boneco. A turba delira, ri, gargalha, satisfeita, vingada.

A cena lembra a Idade Média, a cremação de bruxas, infiéis, vítimas da sanha de Torquemada. Pode lembrar ainda tempos mais remotos: os primeiros homens enfrentando feras. Armados de paus e archotes na grande noite da Terra. Macacos em evolução. Há, porém, pequenina diferença entre uns e outros. Os primatas enfrentavam feras, enquanto os malhadores de Judas encaram bonecos.

Essas festas populares viram notícia nos meios de comunicação de massa. Em tal cidade o festejo começou de madrugada. No bairro fulano de tal a brincadeira terminou na polícia.

São também atração turística. Europeus bem comportados, sadios e endinheirados desembarcam, aos grupos, e, armados de curiosidade e filmadoras, registram nossa barbárie tropical. Assim também devia ser há 2000 anos. Gente vinda dos cafundós da Gália – belgas, aquitanos, celtas – chegava à sede do Império Romano para aplaudir a morte de gladiadores no Coliseu. Ou o suplício e o martírio de cristãos nas garras dos leões. E Marco Túlio Cícero,

indignado, clamava: “*O dii immortales! Ubinam gentium sumus? In qua urbe vivimus?*” Sua indignação, no entanto, tinha outra origem – Catilina. Dizemos, então: Ó deuses imortais, em que terra estamos, em que mundo vivemos? E quem são os alegres foliões de hoje? Certamente um ou dois deles leram a Bíblia. E nenhum outro livro. Conhecem a História de Judas pela boca dos padres. Acreditam, porém, vingar a morte de Cristo, ao malharem insensíveis bonecos.

Para eles, judeu significa inimigo do deus cristão. Não têm a mínima noção da História. O Império Romano? Sim, houve um "rei" chamado Nero que incendiou Roma. Essa e outras histórias de heróis e monstros Hollywood contou e recontou.

Esses vândalos de hoje terão, no mínimo, o reino dos céus. E serão capazes de queimar livros, de destruir cidades e de louvar a morte de Lorca, de Giordano Bruno, de Guevara.

## A MELHOR NOTÍCIA

A morte é a melhor notícia, até para alguns mortos, que logo depois confirmarão o fato nos jornais. Uns deixam a confirmação para o dia subsequente, a semana seguinte, mais um mês. Outros nunca dão a confirmação, sumidos nos mares, nas montanhas, florestas. São os desaparecidos. Os vivos nem ficam sabendo se aconteceu mesmo a morte: onde está o corpo? Ninguém sabe. Terá morrido de verdade? Só acredito vendo.

A morte é a melhor notícia. Se for morto importante, os donos dos jornais, das rádios e televisões riem à toa. As edições são reduplicadas. As manchetes tomam todas as primeiras páginas. Estampa-se imensa foto colorida do defunto. Televisões e rádios passam dias repetindo a morte súbita da autoridade, do cantor, do rico. Espicham a notícia noite afóra. Fazem da morte uma novela interminável. Capítulo XX: “Como caiu o avião. Destroços em alto mar. Tubarões sedentos de sangue.”

Templos se lotam no dia do enterro. Gente de todos os bairros disposta a chorar rios de lágrimas e rezar todas as orações pelo morto. No velório choram, gritam, morrem, tentam beijar a testa enrijecida. Os parentes e amigos do falecido

se vestem de preto e cobrem os olhos com óculos escuros. Muitos desmaiam, as câmeras de televisão focalizam o instante crucial da dor do desconhecido.

A caminho do cemitério, multidões saem às ruas, debruçam-se nas janelas, sobem aos viadutos. Nas casas, ruas, fábricas e bancos todos lamentam a morte do fulano. Comoção geral, feriado nacional, bandeira a meio-mastro, música fúnebre nas emissoras. Vende-se tudo nas ruas: bandeirolas, fitinhas, bandeiras do time de futebol pelo qual torcia o morto. Fofoqueiros têm motivos de sobra para conversar e passear. Nas filas, nas esperas, nos passeios, nas praças o assunto é um só: a morte de fulano. Há descobertas sensacionais: o extinto amava uma francesa nova, enquanto a esposa velha lamentava.

Na missa de sétimo dia, se o morto tiver sido católico, a notícia precisa ser renovada. O falecido está caindo no esquecimento. Se for cantor, compositor, tocam-se suas músicas mais conhecidas. Nas lojas aumentam-se os preços dos produtos. Os jornais publicam pôsteres coloridos: fotos de quando o fulano ou a fulana tinham 20 anos.

Inspiração também a morte dá: poetas fazem versos lamentosos com a palavra morte e a palavra vida. Repentistas aparecem de repente nas

praças, tocando e cantando homenagens ao defunto.

Todos lucram com a morte. O anônimo coveiro finalmente é entrevistado, com direito a voz e a inventar lendas; o vendedor de velas se ilumina; o jornalista grita emocionado; a rezadeira chora por quem foi.

A morte é a melhor notícia. A morte inventa mitos, lendas, sagas, cria religiões, funda igrejas. Cristo morreu; o Cristianismo nasceu. A morte acaba guerras. Depois de Hitler, a paz. A morte acaba eras. Sem Nero, Roma se livra dos incendiários. Decapitaram Conselheiro, desapareceu Canudos. A morte acaba ciclos. Mataram Lampião, acabou-se o cangaço. A morte inicia eras. Um tiro em Vargas dá início à era pós-Vargas.

Se o morto for pobre, anônimo, seus parentes e amigos lamentarão: Tão bom, mas Deus assim o quis. Os privilegiados serão notícia no obituário ou na página policial.

Quando queimaram um índio em Brasília, o mundo inteiro protestou, embora queimem índios desde Cabral, Hernán Cortés, Pizarro. Queimar mendigo também dá notícia, embora os assassinos nunca sejam encontrados.

Se criança morre de fome e sede, nos sertões e nas favelas, a morte não será notícia, mas apenas motivo de estudo e número na estatística. Os pais dirão: Deus quis assim. Dará lugar a outros. Melhor notícia só o nascimento do próximo mortal: José, Maria, Sebastião.